



**CENTRO DE HUMANIDADES – CH
PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA
PARFOR / CAPES
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

LINHA DE PESQUISA: LITERATURA AFRO

JOSEFA PAULINO DE BARROS

**DIVERSIDADE CULTURAL E ENSINO: IMPORTÂNCIA DA DISSIMINAÇÃO DA
CULTURA AFRO NOS PRIMEIROS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL.**

GUARABIRA / PB

2017

JOSEFA PAULINO DE BARROS

DIVERSIDADE CULTURAL E ENSINO: IMPORTÂNCIA DA DISSIMINAÇÃO DA CULTURA AFRO NOS PRIMEIROS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Área de concentração: Pedagogia.

Orientadora: Prof. Ms. Luana Anastacia Santos de Lima.

GUARABIRA/PB

2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B277d Barros, Josefa Paulino de.
Diversidade cultural e ensino [manuscrito] : importância da disseminação da cultura afro nos primeiros anos do ensino fundamental / Josefa Paulino de Barros. - 2017.

40 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação EAD em Primeira Licenciatura em Pedagogia do Parfor) - Universidade Estadual da Paraíba, EAD - Guarabira, 2017.

"Orientação : Profa. Ma. Luana Anastacia dos Santos Lima, Departamento de Letras - CH."

1. Ensino de História. 2. Cultura Afrobrasileira. 3. Preconceito. 4. Escola.

21. ed. CDD 960

JOSEFA PAULINO DE BARROS

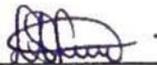
DIVERSIDADE CULTURAL E ENSINO: IMPORTÂNCIA DA DISSIMINAÇÃO DA CULTURA AFRO NOS PRIMEIROS ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Artigo apresentado ao Programa de Graduação em Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

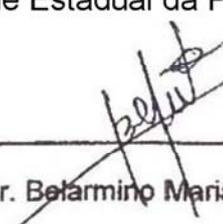
Área de concentração: Pedagogia.

Aprovada em: 18/ 11/ 2017

BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Luana Anastácia Santos de Lima (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. .Mônica de Fátima Gutfes de Oliveira

À minha família, amigos e todos que contribuíram para minhas conquistas e o meu crescimento pessoal e profissional.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

A Deus por me por me proporcionar essa oportunidade através deste curso que me fez abrir janelas para um olhar de novos horizontes.

A todos que fizeram o fazem parte da minha vida. Aos meus pais (In memória). Palavra jamais serão suficientes para explicar esse amor que me trouxe a vida, ensinando-me a amar, respeitar e ser uma verdadeira aluna na arte de viver.

Ao meu esposo Roberto Julião, meus filhos Caio Roberto e Breno Roberto e meus irmãos que com todo amor e carinho nos ajudam a viver, a vencer as barreiras e obstáculos que se fazem presentes no processo de construção, como pessoa e cidadã.

Aos mestres que são estrelas a nos guiar no decorrer de nossa jornada, ajudando-nos em busca de conhecimento para construir um novo mundo. Mostrando que somos capazes de fazer diferença. Pois não podemos mudar o mundo, mas podemos fazer a diferença.

Aos meus verdadeiros amigos que me ajudaram, incentivaram, do início até o fim dessa longa jornada.

Não poderia deixar de agradecer a todos que fizeram o papel de Lázaro ou de Cirineu no decorrer de minha jornada, que com palavras ou ações me ajudaram a carregar a cruz e me tornar uma vitoriosa nessa caminhada.

EPÍGRAFE

Se a educação sozinha não pode transformar a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda.

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho é resultado de um estudo realizado através de pesquisas bibliográficas, relato de experiência referente a realização do Estágio Supervisionado do curso de Pedagogia e da análise de questionário aplicados a uma amostra de 7 (sete) professores colaboradores do Ensino Fundamental I, discutindo a importância da disseminação da cultura afro nos primeiros anos do Ensino Fundamental. O embasamento teórico volta-se a discutir e expor a relação que há entre falta de conhecimento e preconceito, abordando o processo de ensino-aprendizagem e a formação de autoestima, as limitações do ensino de História e cultura afro-brasileira, refletindo sobre o papel da escola no processo de socialização. Na sessão voltada aos resultados expomos os dados obtidos a partir dos questionários, mostrando que há esforços para incluir a História e a cultura afro-brasileira e africana na Educação Infantil. Abordamos ainda a importância da formação de professores para uma educação étnico-racial capaz de promover um ensino desprovido de preconceitos, voltado a práticas que gerem igualdade. Por fim apresentamos as considerações finais que obtivemos a partir do presente estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino; História; cultura afro-brasileira; preconceito; escola.

ABSTRACT

This work is the result of a study carried out through bibliographical researches, experience reports regarding the accomplishment of the Supervised Internship of the Pedagogy course and the questionnaire analysis applied to a sample of 7 (seven) collaborating teachers of Primary Education I, discussing the importance of the spread of Afro culture in the first years of elementary school. Theoretical background rests on discussing and exposing the relationship between lack of knowledge and prejudice, addressing the teaching-learning process and the formation of self-esteem, the limitations of teaching history and Afro-Brazilian culture, reflecting on the role of the school in the process of socialization. In the results-oriented session, we present the data obtained from the questionnaires, showing that there are efforts to include Afro-Brazilian and African History and culture in Early Childhood Education. We also address the importance of teacher training for ethno-racial education capable of promoting bias-free teaching directed at practices that generate equality. Finally, we present the final considerations that we obtained from the present study.

KEYWORD: Teaching; History; Afro-Brazilian culture; preconception; school.

1. INTRODUÇÃO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) se apresenta em cumprimento a exigência do curso de Pedagogia ofertado pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Pretendemos tratar da Literatura afro, mais especificamente da diversidade cultural e sua relação com um modelo educacional que contemple a diversidade, onde História e cultura afro-brasileira sejam representadas nas relações cotidianas presentes no meio escolar desde os primeiros anos de ensino.

A construção do presente trabalho está embasado teoricamente nos seguintes autores: Silva (2005); Lima (2006); Alberti (2013), Castilho (2004), Santomé (1995). Silva (2005) colabora com a discussão aqui apresentada ao expor a relação que há entre falta de conhecimento e preconceito, Lima (2006) aborda o processo de ensino de ensino-aprendizagem e a formação de autoestima. Alberti (2013) traz considerações acerca das limitações existentes ao se tratar do ensino da História e cultura dos africanos e afro-brasileiros, Santomé (1995) traz reflexões sobre o papel da escola no processo de socialização.

A produção desse trabalho tem sua metodologia baseada na observação e análise de fontes primárias e secundárias que nos permite compreender as relações presentes no meio escolar.

Este TCC encontra-se dividido em: Estágio Supervisionado I, II, III, compondo o primeiro capítulo, trazendo relatos da experiência vivenciada e adquirida durante o estágio, relacionando a prática com o tema do presente trabalho.

Adiante vemos o capítulo: Literatura afro da História para a escola, onde há uma abordagem sobre o processo de exclusão a que a literatura afro foi submetida, as consequências dessa exclusão, bem como a importância do emprego da literatura afro nas escolas para promoção de autoestima e formação ou afirmação de identidade.

Em um terceiro momento, trata-se da cultura afro em nosso dia-a-dia, expondo a relevância de reconhecermos a contribuição dos africanos e afro-brasileiro para nossa formação nacional, rompendo com a visão preconceituosa e equivocada que nos passa através do tempo, nos fazendo privilegiar a história e a cultura eurocêntrica e marginalizar os aspectos históricos e/ou culturais relacionados as afrodescendentes.

Traremos um estudo de caso baseado na experiência vivenciada durante o período de Estágio Supervisionado, nesse espaço buscamos analisar como está inserida a História e a

Cultura afro-brasileira nas escolas eleitas para o estágio, mais especificamente na educação infantil. Para tal estudo de caso nos baseamos nos relatórios que são produto do estágio e no questionário aplicado aos professores de uma das escolas.

Após os elementos acima descritos, nos voltamos a análise e discussões dos resultados, onde abordamos as implicações obtidas por meio dessa pesquisa, enfatizamos a relevância de uma formação e/ou capacitação que possibilite uma produção de conhecimento étnico-racial que atinja alunos e professores e por consequência a própria relação ensino-aprendizagem, convertendo-a em práticas emancipatórias.

2- ESTÁGIO SUPERVISIONADO I, II, III.

O período relativo ao Estágio Supervisionado nos rendeu inúmeras experiências quanto a prática docente, fomos inseridos em duas escolas, percebendo como se dá os relacionamentos existentes nessas instituições, analisando como a literatura, a História e a cultura dos afrodescendentes estão (ou poderiam está) presentes nessas instituições. Observar a realidade vivenciada nas aulas nos dá o aparato para compreender a relação ensino-aprendizagem.

A observação da prática docente, foi dada em primeira instância a partir do estágio em Gestão Educacional, nosso campo de observação foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental Jardimina Cruz Pereira, situada na Fazenda Cachoeirinha, zona rural do município de Mulungu- PB. A escola encontra-se sob a direção de Célio Roberto Pereira da Cruz.

A estrutura física da escola compreende: 09 salas de aula; 01 diretoria; 01 sala de arquivos; 01 almoxarifado, 02 banheiros para alunos, 01 banheiro para professores, 02 bebedouros e 01 cisterna.

A E.E.E.F Jardimina Cruz Pereira funciona nos três turnos: manhã, tarde e noite. As quantidades de alunos são distribuídos por nível educacional, como mostra o quadro a baixo:

Nível	Total
Ensino Fundamental	371
Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos	85

Total	456
-------	-----

Quadro 01: Distribuição dos alunos em 2016.

O estágio em Gestão Educacional, nos permitiu compreender que a prática pedagógica não é um elemento isolado, constituindo-se, só e somente só, no exercício vivenciado na sala de aula, o fazer pedagógico se configura em caráter mais amplo. Partindo desse pressuposto percebemos que o planejamento é de suma importância na efetivação da relação ensino – aprendizagem.

O ato de planejar as aulas confere ao professor a possibilidade de fazer projeção a respeito da aula que pretende executar, com isso pode-se considerar teoricamente a melhor maneira de realizar as aulas na prática.

Sobre tal aspecto, Viera (2013) considera:

O professor deve estar consciente da necessidade de estar com suas aulas sempre bem planejadas, este planejamento irá deixá-lo com segurança e com condições de debater com seus alunos sobre o conteúdo desenvolvido buscando um engajamento de todos na busca do conhecimento (VIEIRA, 2013, p. 02).

Planejar, portanto, é fundamental para que se tenha um resultado proveitoso, com aulas que sejam rentáveis na construção do conhecimento. Partindo dessa premissa, nos foi ofertada a possibilidade de vivenciar essa experiência a fim de adquirir e aprimorar os conhecimentos e habilidades essenciais ao exercício profissional.

Essa etapa de observação foi dada por intermédio do Estágio voltado a Gestão Educacional, nos dando espaço para que tivéssemos contato com a realidade da sala de aula, essa etapa caracterizou-se como uma preparação à elaboração das demais, nos fazendo compreender com mais propriedade as dinâmicas que permeiam o meio escolar.

O Estágio Supervisionado da disciplina Gestão Educacional nos fez perceber que lecionar envolve a integração de teoria à prática, aprimorando nosso conhecimento a respeito da interação de todos que compõem o meio escolar.

Inicialmente, no Estágio Supervisionado II nos reportamos ao período de observação referente ao estágio na turma de pré II, considerando que nessa fase do ensino as crianças estão desenvolvendo suas capacidades e sendo inseridas em um contexto de diversidade que se aplica fortemente no ambiente escolar.

Nos primeiros anos da Educação Infantil (EI) se faz necessário que a escola se preocupe com a formação cidadã de seus alunos. Desde os anos 70, se discute sobre a relevância da escola buscar comprometer-se com a cidadania e a diversidade, contudo, quando se trata de EI nem sempre isso se aplica na prática, havendo lacunas significativas. Não há representação significativa de temas que retratem a História e cultura afro-brasileira, o que compromete a percepção e assimilação do conceito de diversidade e outros assuntos ligados a ele, tal como preconceito, racismo, se não atentamos para isso não exercemos uma formação cidadã. Nesse contexto, os Parâmetros Curriculares Nacionais- PCNs (1998) orienta a organização de instituições de Educação Infantil definindo como serão desenvolvidas as práticas pedagógicas que possibilitem a inclusão em uma vida de cidadania plena.

O meio escolar é claramente entendido como um importante espaço para o desenvolvimento, sendo assim, já nos primeiros anos do ensino é fundamental que a criança passe por situações que colaborem para a percepção de si e dos outros, é preciso que o fazer pedagógico contemple a formação de identidade e desconstrução do preconceito.

Na Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental Estudante Manoel Gomes de Souza, percebemos que há esforços para que a criança interaja com o conteúdo da melhor forma, fugindo do caráter tradicional. Entre os métodos e recursos adotados para melhorar a relação de ensino-aprendizagem destaca-se o uso de músicas e algumas brincadeiras, tendo o lúdico como recurso para a transmissão e construção do saber.

O uso do lúdico na EI é um aspecto importante, tornar o ambiente escolar e/ou as aulas mais próximas de elementos que compõem a realidade das crianças, favorece a prática pedagógica, com isso temas que podem ser vistos como complexos para essa fase do ensino podem ganhar a representação apropriada, sendo possível abordar questões étnico-raciais, preconceitos, racismos na Educação Infantil.

A E.M.E.I.F.E Manoel Gomes de Souza apresenta dificuldades e desafios para executar projetos e propostas pedagógicas que mobilize os alunos a refletir sobre a questão étnico-racial, pelo desafio de se trabalhar com temas tão complexos na EI. Na Educação Infantil as Políticas Públicas voltadas a essa finalidade não se aplicam de maneira notória, não se coloca tais questões em primeira instância, somado a isso os professores não recebem formação adequada para desconstruir o preconceito, o racismo, a discriminação.

Como representação de um ensino inclusivo, que respeita e engloba a diversidade, tenta-se trazer a literatura afro, em estórias e contos, narrativas que tenham personagens

negros(as) como protagonistas, usa-se também animações. Como exemplo citamos o livro de Ana Maria Machado: Menina bonita do laço de fita e a animação Kiriku. Contudo, a inserção do tema limita-se a mera exposição repentina e descontextualizada, de modo que não se explora o potencial das obras e as questões étnico-raciais presentes e passível de análise.

A colocação da História e cultura afro-brasileira é pouquíssimo explorada no EI, não devemos limitar o aprendizado das crianças quando temos uma história e cultura tão rica de aspectos que podem e devem ser explorados, não podemos negligenciar a História que aborda nossa formação nacional. Inserir histórias e filmes com personagens negros é uma forma de trazer a diversidade e outros temas para as crianças, mas isso por si só não chega a ser suficiente. É preciso explorar o contexto, relacionar a ficção com a realidade, dar voz aqueles que a História e a literatura silenciaram ao longo do tempo.

Devemos atentar para a prática de uma educação infantil onde as crianças negras se vejam representadas de maneira positiva, seja nas músicas, nas brincadeiras, nos textos, nas imagens. Assim romperemos com os danos psicológicos que as representações negativas causam nas crianças negras, conforme indica Gonçalves (1987). Havendo o comprometimento da escola desde a EI é possível que evitemos a formação de adultos preconceituosos e tenhamos sujeitos preocupados com a promoção de uma sociedade menos desigual.

Em segundo momento, iniciamos o Estágio Supervisionado III, no qual passamos a participar e observar a realidade de outra escola e outras turmas do Ensino Fundamental menor da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Jardilina Cruz Pereira, inicialmente momento tivemos houve interação com o Gestor Célio Roberto Pereira Cruz para conhecer mais a realidade que norteia a escola, sabendo disso nos portaríamos com mais segurança na condição de estagiários. Nesse contato inicial conhecemos a estrutura física e humana da escola.

Nossa experiência se deu a partir da observação e do planejamento, o Estágio Supervisionado serviu como uma preparação à elaboração do planejamento. Com isso definiríamos como proceder nas próximas etapas, o planejamento, portanto, nos permitiu estabelecer metodologias que possam inserir o aluno em um contexto mais dinâmico na sala de aula.

Durante o período de observação, podemos ver a atuação de profissionais já formados e assim analisarmos suas atuações. Percebemos que há uma forte diferença entre a

Pedagogia aplicada na Universidade e a vivenciada no cotidiano escolar. No campo da pedagogia, teoricamente, busca-se associar a teoria à prática, conciliar o conhecimento que o aluno já possui com o conhecimento científico. Contudo, isso não se aplica na prática de ensino, o que acaba por distanciar os conceitos e visão dos alunos, como indica Rezende (1989) ao referir-se a importância da relação teoria-prática.

Percebendo essa realidade e buscando trazer para a prática temas e ações que estejam associadas a realidade dos alunos e cumpram o exercício da inclusão da diversidade pensamos a partir disso em atuar posteriormente com um projeto de intervenção que contemple a História e a cultura afro-brasileira, já que muitas crianças da referida escola refletem bem a miscigenação em suas características.

O projeto de intervenção didático foi realizado nas turmas de 4º e 5º ano do ensino fundamental. Como recursos usamos a música, contudo, diferente do uso da música no Ensino Infantil que não estava inclusa em uma temática específica, e não contava com objetivos definidos. Nessa nova realidade do ensino fundamental, nosso objetivo foi contribuir para a compreensão da função da música nas séries iniciais do ensino fundamental introduzindo a cultura afro que está presente no cotidiano dos alunos e professores mesmo quando se fazem sentir. Assim, vamos de encontro das concepções de Godoy e Figueiredo (2006) que dizem que os professores das séries iniciais devem mediar conteúdos de todas as áreas do conhecimento, inclusive a música. Exposta a proposta do projeto de intervenção, os professores se dispuseram a participar e contornar as dificuldades que pudessem haver.

O uso da música como método didático despertou o interesse dos alunos, como recursos usamos DVD, televisão, micro suster, data show e câmera fotográfica. Alunos e professor se viram entusiasmados ao tratar de um tema complexo de maneira mais acessível a partir da letra da música: “pérola negra”, da cantora, Daniela Mercury, conforme apresentamos abaixo:

O canto do negro veio lá do alto	Vem cantar meu povo, vem cantar você	quando ela passa me faz chorar (bis)
É belo como a íris dos olhos de Deus, de Deus	Bate os pés no chão moçada	Tú és o mais belo dos belos, traz paz, riqueza
E no repique, no bатуque, no choque do aço	E diz que é do Ilê Aiyê Lá vem a negrada que faz	Tens o brilho tão forte por isso te chamo de pérola negra
Eu quero penetrar no laço afro que é meu, e seu	o astral da avenida Mas que coisa tão linda,	(bis) Êêê, pérola negra

Pérola negra Ilê Aiyê	Com sutileza cantando e	pérola negra
Minha pérola negra	encantando a nação	Êêê, pérola negra
Êêê, pérola negra	Batendo bem forte cada	Pérola negra Ilê Aiyê
Pérola negra Ilê Aiyê	coração	Minha pérola negra
Minha pérola negra	Fazendo subir a minha	Tu és o mais belo dos belos,
Lá vem a negrada que faz o	adrenalina	traz paz, riqueza
astral da avenida	Como dizia Buziga	Tens o brilho tão forte por
Mas que coisa tão linda,	É de mim	isso te chamo de pérola negra
quando ela passa me faz	Em me pé nagô de Ilê	Como dizia Buziga
chorar	É de mim	É de mim
Lá vem a negrada que faz o	Em me pé nagô de Ilê	Em me pé nagô de ilê
astral da avenida	Aiyê	É de mim
Mas que coisa tão linda,	Êêê, pérola negra	Em me pé nagô de Ilê Aiyê
quando ela passa me faz	Pérola negra Ilê Aiyê	Êêê, pérola negra
chorar	Minha pérola negra	Pérola negra Ilê Aiyê
Tu és o mais belo dos belos,	Tu és o mais belo dos	Minha pérola negra
traz paz, riqueza	belos, traz paz, riqueza	Êêê, pérola negra
Tens o brilho tão forte por	Tens o brilho tão forte	Pérola negra Ilê Aiyê
isso te chamo de pérola negra	por isso te chamo de	Minha pérola negra

A letra da música traz elementos novos, com palavras que não são usuais a maioria dos alunos, porém fazem referência a cultura afro-brasileira. Exploramos a letra da música questionando aos alunos sobre a relação de pertencimento que essa música causava neles. Seguindo a mesma proposta de análise tratamos da música discutindo alguns trechos e apresentando uma breve análise, como vemos abaixo:

“*Ilê Aiyê*” é um grupo situado na em Salvador (Ba), no bairro da Liberdade, sua fundação data de 1974, esse grupo tinha como objetivo resgatar e enaltecer a cultura do povo negro através da música. O título da música se dá em alusão ao grupo que muito contribui para a propagação da cultura negra.

“*Pérola Negra*” atribui valor aos negros, comparando o povo negro a essa Pérola que tem alto valor, o que favorece a construção da autoestima dos negros e possibilita aos alunos reconhecerem o valor desse povo que ficou omitido da História, que foi desvalorizado, ficando sem reconhecimento.

“Eu quero penetrar no laço afro que é meu, e seu Vem cantar meu povo, vem cantar você...” Mostramos que essa parte fala da nossa constituição nacional, que o laço afro está na nossa História, na cultura, na memória e que nós somos frutos dessa História e dessa cultura. Assim, seguimos explorando mais a letra e relacionando a mesma com a diversidade, preconceito, racismo e estimulando a auto-identidade e autoestima dos alunos.

“É belo como a iris dos olhos de Deus”. O canto negro relacionado ao divino, rompendo com a significação negativa, pejorativa que atribuem as expressões artísticas, culturais e religiosas dos negros.

“Lá vem a negrada que faz o astral na avenida, mas que coisa tão linda...” nesse trecho vemos a exaltação da beleza negra, uma beleza que muitas vezes é discriminada, que não se inclui nos padrões impostos pela nossa sociedade, que associa a ideia de belo ao branco, de nariz fino, cabelo liso...

Com a participação dos alunos e a ajuda da professora regente, conseguimos usar a música e relacionar a teoria com prática, explicamos a origem da música, observamos a relação dos alunos com a mesma, quem já conhecia, quem desconhecia e assim pedimos para os alunos pesquisarem outras músicas que abordassem temas étnicos-raciais, o que surtiu um bom resultado. A participação dos alunos foi positiva, eles trouxeram músicas relacionadas ao tema, muitas das quais eles nem conheciam, mas puderam perceber que abordava a temática que propomos. Colaborando para a formação cidadã, considerando a importância da música para formação das crianças (BRITO, 2003).

Percebeu-se a partir do uso da música, que tal prática é repleta de possibilidades quanto ao uso da música para trabalhar a História e a cultura afro-brasileira e africana, com a música podemos abordar diversos temas, relacionar o que é exposto na letra com o contexto social do presente e do passado.

Vejamos o que Lody (2006) discute a respeito da música, tratando em particular das identidades sonoras afrodescendentes:

[...] revelam memórias, trazem muitas estéticas musicais dos sistemas etnoculturais dos povos africanos no Brasil. Assim, são preservados estilos, repertórios, instrumentos musicais, estéticas de tocar e estéticas de cantar. (LODY, 2006. p, 49).

Associado a música, a dança também nos serviu como objeto para proporcionar momentos onde a criança compactue com os demais em trocas de experiências que permitem melhorar a convivência em grupo, melhorando a sujeito em nível individual e coletivo, enriquecendo seu modo de perceber e conviver com o novo, o diferente, o excluído.



Imagem 1- Dança circular para melhoramento da convivência em grupo e abordar novos ritmos.

Além do uso da música na E.M.E.F.M. Jardimina Cruz Pereira tivemos outras experiências, a fim de inserirmos e/ou reforçarmos a História e cultura afro-brasileira nos primeiros anos da Educação Infantil. Algo muito significativo e rentável, se deu a partir da interação dos alunos com a “sabedoria popular” expressada por intermédio de uma benzedeira e uma curandeira. Esse contato foi realizado em uma aula de campo



Imagem 2- curandeira explicando as propriedades curativas das plantas.

Sobre o ofício de benzeadeira (curandeira/rezadeira) Câmara Cascudo apresenta um breve conceito, sendo uma “mulher, geralmente idosa, quem tem ‘poderes de cura’ por meio de benzimento” (CASCUDO, 2001, p. 587). Nessa perspectiva, é comum que essas mulheres tenham um vasto conhecimento sobre as propriedades das plantas medicinais, esse conhecimento lhes permite fazer lambedores, garrafadas, que somados as rezas promovem a cura e o equilíbrio astral, corporal e espiritual.

Essa prática curativa se perpetua através do tempo, geralmente, a transmissão do saber se dá por meio da oralidade e envolve elementos múltiplos, “havia os saberes vindos da África, baseados no emprego de talismãs, amuletos e as cerimônias indígenas, apoiadas na intimidade com a flora medicinal brasileira” (DEL PRIORE, 2007, p. 89).



Imagem 3- benzeadeira em transmissão oral de conhecimento.

Vemos que trazer essas pessoas para o cotidiano escolar, cumpre a prática de relacionar o conhecimento escolar (científico) com meio no qual o aluno se encontra inserido, o que possibilita que haja interação entre o indivíduo, o meio e a diversidade que os compõem.

Nessa aula de campo, os alunos puderam perceber a influência das culturas africana e indígena. Nesse contexto, vemos que não se faz necessário “ir muito longe” para que a diversidade seja trabalhada no meio escolar. Raul Lody reforça essa consideração:

As realizações estéticas estão no corpo, no objeto, na dança, na história contada oralmente, no vestir, nos sons cantados ou executados em instrumentos musicais, nas casas, nos templos e nas demais expressões que unem o homem a seus repertórios simbólicos. (LODY, 2006, p. 49).

É preciso que a percepção dos professores e alunos estejam voltadas as diversas influências que nos constituem, essas influências podem ser observadas por meio das músicas,

danças, vestimentas, adornos, culinária, no ofício de benzedeira, curandeira, em vários aspectos que podem enriquecer a Educação Infantil e promover um ensino inclusivo, diverso, que atente para a História e a Cultura dos povos negros e indígenas.

Considerando que o meio escolar e a educação são formados por diferentes atores, e que há problemas e necessidades que geram conflitos e tentativas de solução pacífica, nesse contexto se enquadra a obrigatoriedade da inclusão da História e cultura afro-brasileira, contudo sabemos que essa Política Pública atribui responsabilidades aos professores, sendo eles a parte que poderá efetivar (ou não) essa Política e todos os desafios que ela implica.

Nessa perspectiva os professores necessitam de formação direcionada a cumprir esse objetivo, além disso necessitam ter conhecimento a respeito dos temas que irão ser abordados, em especial por se tratar de uma nova perspectiva de ensino, que seja inclusivo, diverso e promotor de igualdade.

3. LITERATURA AFRO- DA HISTÓRIA PARA A ESCOLA

A chegada do grupo étnico negro ao Brasil é marcada por uma trajetória baseada no sofrimento e na repressão. Ser retirado do seu espaço de pertencimento, do lugar que construiu sua identidade, onde a relação de produtor e produto desse espaço se faz presente nas relações cotidianas, implica no rompimento de um elo com tudo que o constituiu quanto sujeito.

Esse rompimento foi vivido por negros que foram retirados da África e levados como mercadorias sob o domínio dos europeus para servirem de mão- de- obra e atenderem os interesses dos “povos civilizados”. Nesse contexto, há predominância da visão eurocêntrica nas produções que tratam dessas relações que configuraram a superioridade de um grupo sobre outro.

A marca da superioridade europeia exerceu forte influência no passado, mas não ficou apenas no passado, esse domínio se faz presente até hoje. Vemos que esse processo histórico de exclusão, marginalização e inferiorização de grupos étnicos como negros e índios ainda se faz presente em nossa realidade. Por vezes, há negação de identidades desses grupos, que não se reconhecem a partir do estereótipo negativo que nossa sociedade aceita e reproduz. "Os estereótipos geram os preconceitos, que se constituem em um juízo prévio a uma ausência de real conhecimento do outro" (SILVA 2005, p. 24).

Com base na citação de Silva (2005), verificamos que a ausência real de conhecimento no que diz respeito a povos negros e indígenas contribui para a manutenção do sistema

sociocultural vigente. Assim, como nossos preconceitos são mantidos, a visão negativa (preconceituosa) que se tem em relação a esses povos precisa ser desconstruída e reconstruída.

Ao pensarmos nas implicações teóricas e práticas do que significa ser negro no Brasil atual é possível entender a dificuldade que muitos possuem em se autodenominar negro, de forma que a dificuldade de identificação e aceitação é ainda mais relevante ao se tratar de negras. Ser negro e negra em nossa sociedade está atrelado a uma carga histórica de depreciação, de subalternização, enfim, envolve determinantes entendidas e perpetuadas de forma direta ou indireta como algo negativo. Desse modo, ser “moreno/a” parece ser mais atraente e um termo menos pejorativo.

Considerando tais premissas, vemos a importância de trazer para o cotidiano escolar ações que nos permitam romper com muitos discursos que favorecem a manutenção da hierarquia de um grupo étnico. Dessa forma, faz-se necessário romper com o discurso dominante, e levar para a instituição escolar referências que abordem as importâncias substanciais das contribuições dos negros para nossa formação social.

Neste contexto, Lima (2006) afirma que:

Se refletirmos sobre os destinatários principais do processo de ensino-aprendizagem, os estudantes, o que se continuavam a fazer era dificultar a construção de autoestima, por trazer uma imagem de nossos antepassados africanos sempre oprimidos, explorados e, finalmente, sempre derrotados-mesmo quando rebeldes inconformados. Quem gostaria de se identificar com essa imagem? E, além do mais, tratava-se de uma falsa imagem, se não em seu todo, ao menos em parte. A historiografia recente trouxe dados para rever essa visão. Resta fazê-la chegar às salas de aula – de muitas universidades e da Educação Básica, (LIMA, 2006. p, 31).

O sistema educacional, as escolas não devem continuar a realizar abordagens esporádicas ao tratar da inclusão de assuntos étnicos-raciais, isso devendo ser uma constante e fazer parte do cotidiano escolar, de forma que não se deve manter o modelo que se menciona negros e negras em datas e eventos isolados. A este respeito, Alberti (2013) reitera:

A tendência é que a força das culturas consideradas negadas e silenciadas nos currículos escolares cresça ainda mais nos últimos anos e assim possam se tornar assuntos sempre debatidos e abordados de forma crítica nas escolas e não apenas como atividades pontuais, lúdicas e de caráter folclórico. (ALBERTI, 2013. p, 282).

Pensar em uma educação que limita a contribuição dos negros e negras a eventos, fatos, datas e personagens específicos, indica quanta omissão houve ao longo da história. Não diferente, essa realidade se dá no sistema educacional brasileiro, e diante da escassez de conteúdos em referência aos negros(as) e índios(as), isso acaba por limitar o conhecimento,

desfavorecendo ou não promovendo uma educação onde os sujeitos reconheçam a participação histórica dos seus ascendentes e assim forme sua identidade (positiva), reconhecendo a herança do passado que lhe cabe.

A exclusão ou inclusão parcial da história dos negros e negras influencia na perpetuação dos preconceitos e do racismo, essa limitação existente no que diz respeito aos conteúdos vêm sendo pauta de ações para promover mudanças no currículo escolar e no modelo pedagógico, onde a escola seja instrumento de mudanças para além do seu espaço físico. Desse modo, Lima (2006) elucida:

A inclusão deturpada ou a exclusão deliberada de algum aspecto dessa História pode implicar a criação de uma identidade ou de uma autoimagem distinta da realidade daqueles grupos humano, distorcida ou definida segundo elementos ideológicos distantes do real. A História do Brasil, ou melhor dizendo, da sociedade brasileira, é um exemplo claro: durante muito tempo a historiografia ocultou e ignorou a contribuição das sociedades e culturas africanas para nossa formação social. (LIMA, 2006, p. 29).

Percebendo essa problemática que engloba a educação, é importante que a escola se volte ao combate do racismo, do preconceito e um ensino que preze pela inclusão e respeito das diversidades, o que deve ser feito desde os primeiros anos da Educação Infantil, a fim de promover uma nova visão dos alunos sobre as questões étnico-raciais. A escola é, portanto, um importante espaço para esse processo de formação e tomada de consciência, o sucesso da educação na formação de cidadãos críticos depende disso.

3.1 A ESCOLA COMO AGENTE TRANSFORMADOR NA FORMAÇÃO DE NOVOS SUJEITOS E PROMOÇÃO DE AUTOESTIMA.

Nas últimas décadas, vemos que algumas mudanças foram pensadas no que diz respeito à educação. Houve a adoção de leis, diretrizes e/ou Políticas Públicas voltadas a atender uma demanda que foi posta em segundo plano, fazendo com que a educação seja um espaço inclusivo que contemple todos os sujeitos envolvidos em suas multiplicidades, considerando o processo educativo como produtor potencial de cidadão e cidadãs conscientes das diversidades que nos formam. Assim como sugere as concepções de Chagas (2014):

Desde os anos de 1970, esta questão vem sendo discutida por intelectuais dentro e fora da academia, mas só em 2003, com a lei 10.639 foi tomada uma medida no sentido de resolver a falta de conhecimento dos (as) brasileiros sobre as suas matrizes culturais indígenas e africanas. (CHAGAS, 2014, p. 71).

Na adoção de uma pedagogia baseada no modelo inclusivo, em que as contribuições e as diversidades dos grupos étnicos sejam questões exercidas de modo prático e cotidiano, é

preciso que nos voltemos àqueles (as) que a literatura e a história oficial deixaram em última instância. Portanto, os esforços da efetivação de uma educação étnico racial deve trazer para os alunos o conhecimento plural, elegendo os mais diversos aspectos da cultura africana, afro-brasileira e indígena.

As culturas africanas, afro brasileiras e indígenas são entendidas como participantes da construção da sociedade brasileira, mas mesmo sabendo que nossa constituição se deu a partir das contribuições culturais dessas etnias, a cultura que prevalece majoritariamente está voltada aos brancos ao modelo eurocêntrico.

Baseados em uma nova perspectiva, que vai além da manutenção dos padrões estabelecidos no passado e, que ainda hoje concede privilégios (diretos ou indiretos) aos brancos, a educação nacional busca tratar dos excluídos, que por tempos foram silenciados, deixados de lado, como aponta as propostas do Plano Nacional de Educação (2011).

O plano indica a: Construção de uma nova ética [...] de modo a incluir, efetivamente os grupos historicamente excluídos: entre outros, negros, quilombolas, pessoas com deficiências, povos indígenas, trabalhadores do campo, mulheres, lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBT) (BRASIL, 2011, p. 56).

A ideia de uma educação que inclua os excluídos nos parece animadora, configurando-se como uma saída alternativa para expor as histórias de tantas mulheres e homens negros, que não estão representados na literatura. Conforme vemos, o Plano Nacional de Educação propõe a inclusão desses sujeitos. Contudo, é necessário pensarmos: como será efetivada essa inclusão? Como transformar as teorias em práticas no cotidiano escolar? Ao discutir a identidade brasileira, Lima (2006) aborda as dificuldades de validar uma educação que volte a história para os excluídos, colaborando para um modelo de educação mais justo, inclusivo, menos racista e desigual.

Fundamentados nessas perguntas percebemos a lacuna existente no que diz respeito à produção literária que aborde os negros, sem que sejam vistos pelo ponto de vista dos brancos e brancas, geralmente as produções históricas, literárias, artísticas representam o povo negro pela perspectiva dos brancos, o que já determina os lugares dos sujeitos como opressor e oprimido. Isso nos leva a outra questão: Como os alunos e alunas de etnia negra construirão sua identidade, ou autoestima a partir dessas representações?

É de grande relevância considerar tais fatores, pois para que o modelo inclusivo se faça valer na prática é fundamental que haja a preocupação de que visão está sendo predominante nos discursos, para não correremos o risco de simplesmente repetir o conteúdo

presente em determinadas fontes, sem questionar se o conteúdo ou a forma em que se trata deste, está sendo compatível com o propósito. O contrário, pode ser que venhamos a reforçar a imagem negativa dos negros, como fizeram alguns escritores. Vejamos o que Castilho apud SILVA (2016) considera a respeito dessa marginalização dos negros por determinados escritores.

Grande parte dos escritores brasileiros dependia de forma, direta ou indireta dos senhores de escravos, e por esse motivo, os escritores ocultavam os negros de suas obras, por não os considerarem como seres humanos. (CASTILHO, apud SILVA, 2016. p. 10).

Silva (2001) apresenta a representação do negro além do caráter literário, tratando do livro didático, expondo a relevância desse no processo que resulta em uma educação que pouco, ou nada, coopera para a ruptura de uma imagem negativa no que se refere a negros e negras. Esse modelo ainda vigente, as condições para manutenção de uma sociedade racista e preconceituosa ao invés de serem refutadas, são silenciadas.

Nesta conjuntura, Silva (2001) ressalta:

Quase toda a representação do negro no livro didático pode concorrer para a sua auto-rejeição e rejeição ao seu outro assemelhado. Os sinais de auto-rejeição são visíveis nos descendentes de africanos e traduzidos como “racismo do negro” pelos agentes da produção e da reprodução da auto-rejeição. (SILVA, 2001. p. 53).

Ao tratar dessa ocultação dos negros da literatura em referência ao período escravocrata, os autores acima citados nos dão condições de perceber que as produções textuais e literárias obedecem a interesses, estão condicionadas e não são parciais. A literatura trabalhada, o emprego e a exploração dos discursos, bem como todos os assuntos ligados a inclusão e a construção de uma sociedade igualitária, requer que as ações voltadas a essa finalidade, no contexto escolar vá além do que foi reproduzido. Assim sendo, é preciso “ler nas entrelinhas”, desfazer e refazer muito daquilo que nos chega como verdade e inferioriza os negros.

Nesse sentido, Santomé (1995) aborda que:

As escolas como instituições de socialização têm como missão expandir as capacidades humanas, favorecer análises e processos de reflexão em comum da realidade, desenvolver nas alunas e alunos os procedimentos e destrezas imprescindíveis para sua atuação responsável, crítica, democrática e solidária na sociedade (SANTOMÉ, 1995, p. 175).

É preciso garantir que os negros entendam e se orgulhem de suas contribuições para nossa formação social, buscando obras que tragam a representação dos mesmos sem que seja explorada apenas a visão dominante, dos brancos, permitindo que eles não sejam vistos sempre como os escravos. Temos que usar a literatura que aborda outros pontos de vista, que

possibilite a formação de indivíduos críticos, para que a escola seja palco de mudanças que promova o respeito às diferenças e a igualdade ético-racial. Segundo Pereira (2005).

Reconhecer as especificidades dos diferentes contingentes culturais que dão forma à nação brasileira é a condição fundamental para construirmos uma sociedade justa e solidária, que tenha no diálogo e no respeito ao outro o ponto de partida para a promoção do bem comum (PEREIRA, 2005. p. 27).

Possibilitar que os alunos conheçam e respeitem a diversidade que nos constitui quanto nação, nos coloca diante de um cenário que estabelece meios e práticas para que a escola se torne um ambiente passivo de trabalhar e acolher a diversidade. Sendo assim, a História e cultura afro-brasileira partirá da escola para a sociedade. Os afro-brasileiros devem ter sua História e cultura representadas, explorada e transmitida nos mais diversos aspectos. É preciso que possamos perceber a influência direta e indireta que a cultura afro exerce em nossas vidas e na sociedade.

3.2 A CULTURA AFRO EM NOSSO DIA- A- DIA

Ao pensarmos em África, baseados no senso comum somos remetidos a uma imagem negativa, pois o conhecimento prévio que possuímos a respeito desse continente é defasado e mínimo, sendo resultado da falta de conhecimento, do preconceito e de uma visão que pouco corresponde ao real. A inclusão da cultura africana ou afro brasileira na nossa História e, por consequência no Ensino Básico, deixa a desejar e permite que haja uma visão equivocada em função da falta de conhecimento, ou da assimilação de um conhecimento baseado em preconceitos.

Desse modo, Lima (2006) apresenta que:

As visões mais comuns sobre a História africana ou se construíram com base em preconceitos etnocêntricos, apresentando a África como lugar atrasado, inculto, selvagem, terra de barbárie, ou supervalorizando o seu papel de vítima [...] (LIMA, 2006. p. 31).

Para mudar essa situação é necessário que o Ensino Básico (desde os anos iniciais) esteja voltado a atender essa demanda que manifestou, e manifesta, o desejo de inclusão e reconhecimento na História nacional, em que a precariedade de conhecimento seja convertida em um saber crítico, uma vez que:

Reconhecer o passado histórico e cultural dos diversos povos é um passo importante para o acolhimento das diferenças, no sentido de permitir uma participação ativa desses povos nos bem econômicos e de prestígios, na nação onde estão situados. (SILVA, 2001. p. 52).

As crianças na primeira fase do Ensino já podem ser inseridas em um contexto escolar que lhes possibilite a construção de um saber que não seja somente passivo. Lima (2006),

neste sentido, fala que considerando as séries iniciais, as crianças devem conhecer nossa História por meio das “brincadeira e brinquedos, das cantigas e muita “contação” de histórias que falem, lembrem, e se refiram ao mundo do negro que servirão como meios para romper ou evitar que se construam barreiras e preconceitos”.

A Educação Básica deve romper com os conceitos errôneos a que somos condicionados desde antes, a escola portanto, deve fornecer aos alunos condições e oportunidades de reconhecer a multiplicidades e diferenças que os compõem.

Trabalhar as questões étnico raciais deve ir além de levar “novos conteúdos” à sala de aula. É preciso que os alunos se vejam como produto da nossa História, reconheçam a participação de todos que a fizeram e fazem, o que deve ser colocado em prática ainda nas séries iniciais, fazendo com que os estereótipos negativos sejam refutados desde cedo, com uma educação emancipadora e inclusiva.

Para que haja uma educação multiétnica, como fora dito antes, não devemos limitar o conhecimento que nos chega, nem tão pouco aceitar todas “as verdades” que propagam sobre o continente africano.

Visando rever os dados que nos chegam por meio do material didático, paradidático, ou quaisquer outros, temos que nos apegar a novas imagens, novos conceitos, valorizar nossos antepassados, entender que não há singular nesse processo, somos frutos da diversidade e da pluralidade. Pluralidade essa que se encontra “nas Áfricas” e que os alunos do Ensino Básico, por vezes, desconhecem.

É importante que os alunos entendam que o continente africano não corresponde unicamente a aspectos negativos, que há uma diversidade cultural, social, que produz orgulho em seus desentendes. Muito disso está presente na nossa formação como afrodescendentes, na cultura brasileira, em elementos e aspectos diversos do nosso dia-a-dia. “Para descobrir essas Áfricas, também há que se despertar a curiosidade, aguçar o interesse, estimular a admiração. Portanto, é preciso trazê-las para dentro de espaços culturais e educativos.” (LIMA, 2006. p,33).

Na Educação Básica, a África, africanos(as), afro-brasileiros(as) devem ser tratados em suas multiplicidades, explorando as artes, as culturas, as lutas, os aspectos que acabaram e os que permanecem, por meio de contos, danças, penteados, adornos, elementos religiosos e tudo que esteja ligado a essa rica cultura que produz a História dos afrodescendentes e do Brasil.

Sabemos que não é uma tarefa simples, introduzir novos conteúdos, novas metodologias, o respeito ao diferente, a diferença, “ao novo”, não se trata aqui de substituímos o eurocentrismo, mas de reescrever a História, sem partir da ótica binária e arbitrária de opressor e oprimido. Isso, porém exige esforço e dedicação em todas as fases do Ensino Básico, pois “Na educação infantil, tempo dos primeiros passos na vida social, seria importante semear atitudes positivas e, pela via do lúdico e do afeto, estimular o contato, a admiração, o encanto pela estética e pelo imaginário africano e afrodescendente.” (LIMA, 2006. p, 35).

4. METODOLOGIA DE PESQUISA

Este trabalho teve como objetivo relatar e analisar a importância da disseminação da cultura afro-brasileira nos primeiros anos de ensino. Se configura em uma pesquisa descritiva, com base em fontes primárias e secundárias, os conceitos e ideias apresentados nos permite observar a realidade vigente quanto a prática de uma educação inclusiva desde a educação infantil.

A pesquisa se classifica como qualitativa, com base em Lüdke e André (1986), a partir da qual nos debruçamos sobre o processo sem ignorar o produto, nessa perspectiva nos interessa as relações humanas, os fins e os meios, os símbolos e os significados, o dito e o não dito, tais aspectos que podem ser tratados de maneira qualitativa, nos dando condição de nos aproximarmos do objeto, interpretar, explorar e compreender as múltiplas realidades.

Como instrumentos de pesquisa usamos relatórios de estágio provenientes da disciplina Estágio Supervisionado Orientado (ESO), os quais apresentamos no capítulo 1, deste trabalho, e questionários aberto com sete perguntas, aplicado para 7 professores. Os relatórios nos permite acompanhar na prática a relação de ensino- aprendizagem e professores-alunos, observando como (e se) ocorre a disseminação de conteúdos e trabalhos que tratem da História e cultura dos Afro-brasileiros.

Através dos questionários, buscamos averiguar se os professores trabalham com o tema acima apresentado, se a História e a cultura afro-brasileira fazem parte do Projeto Político Pedagógico da escola, como está o conhecimento dos professores a respeito do tema, a postura da escola e dos professores quanto a trabalhar com História e Cultura afro-brasileira, se participaram de formação específica para tratar do tema e quais as dificuldades a escola enfrenta para trabalhar a História e cultura afro-brasileira.

Os instrumentos foram aplicados na Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental Estudante Manoel Gomes Souza e na E. E. E. F. M. Jardimina Cruz Pereira, ambas situadas na zona rural do município de Munlugu- PB.

Os questionários foram aplicados individualmente tendo como amostra cinco professores, por questões éticas da pesquisa, preservamos a identidade dos professores colaboradores da mesma, nomeando-os como: p1, p2, p3, p4, p5, p6 e p7. Partindo da análise dos relatórios e questionários podemos observar e relacionar ambos os instrumentos, percebendo a postura teórica dos professores e as vivências dessas teorias no cotidiano, nos relacionamentos presente no espaço escolar e nos elementos que podem compor uma educação mais igualitária e inclusiva.

5. ESTUDO DE CASO

Através do estudo de caso realizado, buscamos conhecer um pouco do perfil dos professores da E.E.E.F. Jardimina Cruz Pereira, através de um questionário com questões objetivas (nos permitindo conhecer o perfil social dos professores) e questões subjetivas com o propósito de perceber e compreender a relação que os docentes tem com essa Política Pública que fará parte do cotidiano escolar.

O questionário foi aplicado com sete docentes, sendo: quatro mulheres e três homens. A faixa etária deles está compreendida entre 20 e mais 40 anos. Quanto ao grau de formação, todos possuem Ensino Superior, cinco possuem graduação, um com licenciatura em área específica e outro Pedagogia. Em resposta à pergunta: “há participação dos pais nas reuniões da escola?”, houve seis respostas afirmativas e uma abstinência. Em relação a religião, seis se dizem católicos e um evangélico. Quanto a etnia, três se definem brancos e quatro pardos.

Os dados acima foram extraídos das questões objetivas, o que nos dá uma ideia do perfil do corpo docente. Com os dados subjetivos tivemos perguntas ligadas a escola quanto a História e a Cultura afro-brasileira.

Quando questionados sobre a presença da História e cultura afro-brasileira na escola e de que forma se trabalha, os professores foram unânimes em afirmar que trabalha-se tal tema na escola. Quanto à forma que trabalha, houve diferenças envolvendo a metodologia e os recursos. P2 se reporta as datas comemorativas para trabalhar o tema, outros dizem que o tema é tratado diariamente, de maneira gradual, ou de forma momentânea, P3 expõe trabalhar o tema por meio de músicas, leituras, aulas expositivas, debates, mostrando as culturas, crença, religião.

Sobre o Projeto Político Pedagógico da escola e a inclusão da história e cultura afro-brasileira os professores dizem que há essa inclusão do tema no PPP. Os docentes P1 e P3 vão além do “sim” como resposta e dizem que houve essa preocupação (por parte dos professores) de implantar o tema, considerando a miscigenação dos alunos, mas que necessita de maior atenção. Tal inclusão nos motiva a crer que “são as práticas pedagógicas o espaço, por excelência, para as mudanças educativas.” (GODOY, 2014. p, 19).

Os professores disseram se preocupar em trabalhar a cultura afro-brasileira e africana na sala de aula. Contudo, há posições que evidenciam a necessidade de se dar “maior ênfase” a essa questão e há preocupação e desejo que todos os professores lidem com isso. Ao falar de como trabalham essa disciplina na escola, vemos que a maioria reafirma sua atuação, por meio de aulas expositivas, explicativas, dialógicas, leitura, rodas de conversas, brincadeiras, datas comemorativas, culminâncias. O docente p3 cita como exemplo de literatura trabalhada os livros: *Menina Bonita do Laço de Fita* e *As Tranças do Rei Bidú*. P7 diz: “*são poucos os colegas que tem interesse em trabalhar este tema. Mas tenho uma colega que gosta de trabalhar esse tema*”. Outra fala chama a atenção, o professor colaborador p6 apresenta a posição: “*de certa maneira não, nós não temos interesse em trabalhar este tema na sala de aula, é uma realidade*”.

Para se obter uma educação que de importância a História e cultura afro-brasileira, se faz necessário criar interesse nos alunos em relação ao tema, que eles se sintam representados de maneira igualitária e respeitosa. Nos apropriamos da fala de Lima (2006) ao tratar da pluralidade contida “nas Áfricas”, julgando ser pertinente aplicar essa colocação em referência ao meio escolar, já que esse meio também é dotado de pluralidade, desse modo, a partir da alusão descrita anteriormente, vemos que:

[...] também há de se despertar a curiosidade, aguçar o interesse, estimular a admiração. Portanto, é preciso trazê-la para dentro de espaços culturais educativos. Ler, sim, mas também, escutar, ver, assistir, participar e perceber o quanto as trazemos dentro de nós (LIMA, 2006. p, 33).

Buscamos saber se os professores haviam participado de algum curso ou capacitação para trabalhar a História e a cultura afro-brasileira. Dos professores que compunham a amostra, dois disseram ter participado de formação e/ou capacitação, na Universidade Estadual da Paraíba, através do curso de licenciatura e encontros pedagógicos. Os demais responderam que não participaram. P1, sendo um dos que não receberam formação diz: “*faz-se necessário a capacitação dos professores para trabalhar a cultura africana e afro-brasileira. É necessário um ensino despojado de preconceitos*”. Assim, nos voltamos ao

pressuposto descrito por Isabelle de Luna Alencar Noronha (2014), ao explicar que: “o professor se forma ao ser formado e formando também se forma [...]” A ausência de uma formação se transforma em desafio para os professores.

Indagados sobre as dificuldades enfrentadas na escola para promover o ensino da História e da cultura afro-brasileira e africana em sala de aula, os professores alegaram dificuldades distintas. P1, diz *“que a maior dificuldade está na própria cultura brasileira que tende a tratar, ainda, a cultura africana e afro-brasileira de forma preconceituosa. Trata-se de um preconceito mascarado. Advindo de uma cultura de colonização, esta que encontra-se intrínseca na cultura brasileira”* o professor P3 aponta: *“As dificuldades são geradas a partir do preconceito, que os alunos têm pela cor da pele do colega, em muitos casos se sentem superiores por terem a cor da pele e o cabelo diferentes”*, sobre quais as dificuldades enfrentadas, P4 fala não haver *“nenhuma, apenas o comprometimento dos professores para trabalhar um assunto tão importante para a educação. Já P2, fala da “força de vontade e iniciativa, pois devemos muito a cultura africana para formação da nossa cultura”* e P5 releva como uma das maiores dificuldades *“a falta de formação dos professores. P6 relata: “A falta de interesse pelo assunto”*. P7 diz que *“a maior dificuldade está em nós mesmo, não termos trabalhado em se aprofundar mais na História afro”*.

Apesar das dificuldades apresentadas pelos professores colaboradores, é preciso que estejamos aptos a perceber a importância da escola e de seus agentes, na promoção de uma educação que se volte a diversidade racial. Cavalleiro (2006), diz: *“a escola precisa se organizar para demonstrar a todos a importância da pluralidade racial na sociedade”*.

Vemos que os professores afirmam abordar temas voltados a História e a cultura afro-brasileira no cotidiano escolar, que essa questão é vista como necessária e entendida como algo que merece destaque, tendo a preocupação do professor, apesar dos desafios e da falta de formação que atenda a todos de maneira a suprir as lacunas deixadas na História a respeito da participação efetiva dos negros na nossa formação. Assim sendo, os professores buscam estratégias para promover um ensino inclusivo ainda na Educação Infantil.

6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Frente a análise e discussão de resultados deste trabalho, é válido salientar que elementos anteriores serão retomados em alguns momentos, para que seja possível estabelecer conexão entre esses elementos e os resultados.

Para cumprimos a finalidade a que nos dispomos por meio do presente trabalho, que apresentou como objetivo analisar importância da disseminação da cultura afro nos primeiros anos do ensino fundamental, nos voltamos ao uso de dois recursos: Os relatórios, sendo eles, produtos do Estágio Supervisionado e questionários aplicados com professores colaboradores. Para atender o objetivo proposto contamos com um referencial teórico, colaborando para a construção do conhecimento a partir da literatura referenciada, o que é fundamental para entendermos a importância da educação étnico-racial desde a infância.

Inicialmente trataremos algumas considerações sobre o período do Estágio Supervisionado Orientado (ESO), que fora tratado no primeiro capítulo, em seguida abordaremos os resultados obtidos a partir da análise dos dados presentes no questionário.

No primeiro capítulo deste trabalho, tratamos da experiência que pudemos viver a partir da teoria e da prática proporcionada pelo o Estágio Supervisionado. Com base na observação e no exercício da regência, voltamos nossa atenção para a educação étnico-racial, sua presença ou ausência na Educação Infantil (EI). Para compreendermos a dinâmica que envolve: escola, diversidade e educação inclusiva, tivemos essa pesquisa alicerçada em autores, tais como: Silva (2005); Lima (2006); Alberti (2013), Castilho (2004), Santomé (1995). Silva (2005), esses autores em suas considerações nos mostram que a História e a cultura afro foram marginalizadas, subjugadas, sem que pudéssemos reconhecer da maneira devida, a importância e a colaboração dos negros para nossa constituição quanto nação. Portanto, mudar esse quadro se faz necessário, contando inclusive com Políticas Públicas para isso, tornando obrigatório o ensino da História e da cultura afro-brasileira no ensino fundamental e médio. Contudo, há uma lacuna no que diz respeito aos primeiros anos da Educação Infantil.

Entendemos que o período relativo ao estágio nos inseriu no meio escolar, nas relações cotidianas que formam esse meio e se apresentam de forma conflituosa, sendo reflexo da sociedade na qual se insere. Desse modo as escolas são importantes espaços para construção de uma educação inclusiva. Com base nisso é preciso que a escola e todos os agentes que as compõem estejam voltados a trabalhar a História e a educação dos afro-brasileiros desde os anos iniciais da educação, é preciso que os professores busquem conhecimento sobre o tema, para mediar as discussões da forma que garanta uma aprendizagem desprovida de preconceitos.

Na Educação Infantil os professores nem sempre enxergam como necessário a inclusão de questões étnico-raciais, acabam não realizando atividades voltadas a esse fim. No entanto, é fundamental que ainda na fase inicial as crianças reconheçam a diversidade que se apresenta na sala de aula, na escola, na sociedade como o todo. É importante que os professores insiram questões pertinentes as diversidades e atue de modo a construir o respeito, é necessário expor a participação de todos que formam nossa nação.

O professor deve estar apto a inserir a História e a cultura afro-brasileira nas suas aulas, de maneira que isso não se dê apenas em eventos isolados, precisamos verdadeiramente, incluir sem negligenciar, entender que o legado histórico e cultural desse povo está em nosso cotidiano e, portanto, é passível de ser explorado em maior amplitude, nas músicas, nas artes, nas vestimentas, nos contos (orais e/ou escritos), nas danças, nas tranças, nos ritmos, nos dialetos, ou seja, existem inúmeras possibilidades a serem exploradas na promoção um ensino inclusivo, que evidencie as contribuições dos negros, que valorize suas histórias, suas culturas, para que os alunos reconheçam que há mais do que aquilo que os livros apresentam, desse modo a escola supera os desafios, desfaz os preconceitos, favorece a formação de identidade e autoestima, colaborando para a construção de uma sociedade igualitária. Conforme discutimos no item 3.2 “a cultura afro em nosso dia-a-dia.”

Considerando os questionários que foram respondidos pelos professores colaboradores, vemos que os resultados mostram que a História e a cultura afro-brasileira são trabalhadas de alguma forma, os professores expressaram preocupação com tal temática, incluindo-a no Projeto Político Pedagógico da escola. Porém, ao dizerem como se trabalha a História e a cultura afro-brasileira, percebe-se que há uma limitação. A inclusão dessa História, dessa cultura, ainda não faz parte do cotidiano, não é prática diária, se dá de forma gradual, em momentos e aulas específicas, em datas comemorativas, na promoção de alguns debates.

Os resultados em relação aos questionários nos mostram que há esforços para incluir a História e a cultura afro-brasileira e africana, contudo, apesar de reconhecermos a importância dessa inclusão, vemos que os professores não apresentam muitas possibilidades quando se trata da forma de trabalhar. Se por um lado é notável e significativo essa inclusão, por outro apresenta determinada preocupação, para que não haja um reducionismo da História e da cultura do povo afro, não podemos condicionar essa inclusão a eventos e aulas isoladas, é preciso que possamos ir além, para que a História e cultura dos afro-brasileiros e africanos

sejam vistas e entendidas como nossa própria História e cultura. Consideraremos a análise de Lima (2006) a respeito da importância de introduzir temas da cultura africana e afro-brasileira, a autora nos diz: “isso tem de ser algo vivido para começar a abalar as velhas estruturas dos preconceitos, as quais se alimentam da ignorância.”, ou seja, é fundamental que trabalhar tal temática, se dê desde os primeiros anos da Educação Infantil e que não seja tratada de forma pontal, mas sim de modo constante, fazendo parte do cotidiano dos alunos, indo do seu dia-a-dia para a escola e da escola para a sociedade.

As falas dos professores trazem como desafios, a falta de comprometimento, o preconceito que os alunos têm, a ausência de iniciativa. São colocações relevantes, no entanto, há uma fala que chama a atenção, quando diz que “uma das maiores dificuldades é falta de formação dos professores.” Tal fala, evidencia uma dificuldade que confirma o resultado da questão, pertinente a capacitação dos professores para trabalhar com a Cultura e a História afro-brasileira e africana. Apesar de dois dos sete professores colaboradores, terem feito capacitação, faremos uma generalização ao apontar a falta de capacitação como principal dificuldade, não havendo uma formação direcionada os professores acabam por não explorarem ao máximo a cultura e a História afro-brasileira e africana. Uma educação voltada a diversidade exige uma formação de professores que possa romper com os estereótipos, que estejam conscientes dos seus papéis de agentes modificadores, produtores de um conhecimento que promova a autonomia, rompa com os preconceitos, que forme alunos críticos, inconformados com a realidade, que visem mudanças em função de uma sociedade mais justa e igualitária para todos.

Um outro ponto que chama a atenção diz respeito a definição da etnia, quatro dos sete docentes se dizem pardo, se definir como pardo, mostra uma tentativa de minimizar as implicações de “ser negro”, percebendo que os próprios professores possuem essa dificuldade em se definirem negro, adotando a concepção de “ser pardo”, quando na verdade, para o Instituto Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE), os pardos são contabilizados como negros. É instigante nos debruçarmos sobre tal questão. Se o professor não consegue se perceber como negro, muitos alunos também podem apresentar essa “falta de percepção” quanto a sua etnia, o que reforça a necessidade de formação e/ou capacitação dos docentes, para que o conhecimento possa gerar uma educação étnico-racial, democrática e emancipatória. Quanto ao fato dos professores não se perceberem, ou não se sentirem pertencente a etnia negra, os dados da pesquisa exibem concordância com os estudos apresentados por Chagas (2014).

Os resultados parecem apontar a necessidade de uma formação de professores que permita renovar a metodologia, os recursos, os conteúdos, entendo que “as experiências em sala de aula não estão alheias ao racismo e seus derivados.” Segundo (Cavalleiro, 2006). É preciso que a condição de não pertencimento a cultura e a História afro-brasileira e africana sejam desconstruídas, para que se possa construir uma educação étnico-racial, sem preconceitos. Apesar das limitações dos nossos estudos, de um número pequeno de professores colaboradores, da aplicação do questionário ter acontecido em apenas uma das escolas na qual o estágio ocorreu. Pode-se considerar que desde a primeira infância deve-se ensinar as crianças, sem negligências, a que grupo étnico ela pertence, gerando ações que desenvolvam a formação de identidade, onde negros, brancos e índios possam se ver e se entenderem, para além dos rótulos, rompendo com a hierarquia social, a qual fomos sujeitados por muito tempo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período correspondente ao Estágio Supervisionado Orientado foi de extrema relevância, pudemos observar a partir dessa prática e dos questionários aplicados que as escolas nas quais realizamos o estágio, apresentam singular preocupação em incluir a História e a cultura africana e afro-brasileira em sua prática, mas para isso é necessário um esforço maior que envolve todos os agentes que envolve a escola e a educação como todo.

É possível perceber que a maior parte dessa responsabilidade com esse ensino que promove as mudanças nas relações étnico-raciais em nossa sociedade, recai sobre os professores, esses por sua vez nem sempre estão devidamente preparados para tratar de uma questão que por muito tempo foi posta a margem, mas ao surgir atualmente, com obrigatoriedade, cabendo aos docentes efetivar essa Política Pública. Percebe-se que se pensam os fins, porém os meios muitas vezes ficam comprometidos por uma ausência parcial ou total de formação que se destine a cumprir o objetivo proposto.

Vemos que a literatura é vasta ao tratar da inclusão do ensino da História e da cultura afro-brasileira e africana, partindo dessa perspectiva buscamos entender a importância da disseminação da cultura afro nos primeiros anos do ensino fundamental. Nossa análise nos levou a concluir que na Educação Infantil, nos primeiros anos do ensino fundamental, há grandes lacunas a serem preenchidas, a temática étnico-racial deveria ser uma constante desde essa fase inicial do ensino, possibilitando que os alunos desenvolvam sua identidade social. Com a experiência do Estágio é perceptível que a História e a cultura e afro estão por toda

parte, elas nos constituem e podem ser exploradas em diversos aspectos, muitos desses são componentes das realidades dos alunos, podendo ser usados na construção de um conhecimento sem preconceito e voltado a diversidade.

Foi possível perceber que a inclusão do ensino da História e da cultura afro e afro-brasileira apresentam avanços na educação, fazendo uma generalização, as escolas estão exibindo preocupação de contemplar essa História e essa cultura em seus currículos. Essa inclusão é significativa, ainda que seja necessário a manutenção de uma inquietude que nos motive a fazer mais, para que se tenha uma educação voltada as diversidades e promoção de igualdade e respeito.

Pensar nessa inclusão, que muitas vezes ocorre de maneira pontual, faz com que notemos que o meio escolar é dotado de conflitos e interesses, para mudarmos essa realidade e transformarmos a educação em uma prática democrática, é necessário que nosso inconformismo com a realidade se mantenha, nos dando impulso para buscarmos as transformações.

Diante do que já foi apresentado, a formação de professores é relevante nesse contexto de inclusão de uma educação étnico-racial, a ausência de formação dos professores limita o trabalho com essa temática, se os professores não dão a devida importância a um ensino que vise abordar a diversidade, ficará ainda mais difícil ultrapassar as barreiras impostas. É preciso que os docentes tenham conhecimento para se entenderem como produto de uma sociedade que deriva de três raças, entendendo ainda o contexto social e os conflitos que historicamente se deram em função dessa miscigenação.

O professor capacitado será capaz de vencer os preconceitos que se encontram na escola, na rua, em casa, na sociedade como um todo, com isso irá produzir cidadãos conscientes de si e dos outros, capazes de conviver e respeitar as diversidades, sabendo que essas diversidades forma as diferentes identidades. Desse modo, percebemos a necessidade da capacitação dos professores, não só daqueles que atuam no Ensino Fundamental ou Ensino Médio, ainda na Educação Infantil, nos primeiros anos do Ensino fundamental é preciso que voltemos nossos olhares e nossa total atenção a formação de crianças. Nessa fase a escola já deve ser um espaço de socialização, de construção de identidade e promoção e autoestima. O professor deve estar atento para não pôr a questão étnico-racial em um plano secundário, deve-se aderir a práticas educativas que permitam a criança reconhecer os preconceitos e supera-los.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verene. Algumas estratégias para o ensino de história e cultura afro-Brasileira, In: PEREIRA, Amílcar Araújo e MONTEIRO, Ana Maria (Orgs). **Ensino de História e Culturas Afro-Brasileiras e Indígenas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: apresentação dos temas transversais: ética. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3. ed. Brasília: MEC, 2001.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação infantil**. São Paulo: Peirópolis, 2003.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Meleagro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1978.

CASTILHO, Suely Dulce de. **A Representação do Negro na Literatura Brasileira: Novas Perspectivas.** Olhar de professor Ponta Grossa, 7(1): 103-113, 2004. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/684/68470108.pdf>> Acesso em: 25 de junho 2017.

CHAGAS, Waldeci Ferreira. **HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA, AFRICANA E INDÍGENA NO CURRÍCULO ESCOLAR: um caminho para efetivar a educação das relações etnicorraciais.** In: BARBOSA, Rita Cristina. DANTAS, Fábio Souza (Orgs.). Práticas educativas culturas e diversidades.

DEL PRIORE, MARY. Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino. In: (Org). *História das mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Práxis.** São Paulo: Cortez, 1998.

GODOY, Vanilda; FIGUEIREDO, Sergio. **Educação musical nas séries iniciais na perspectiva de professores generalistas.** Revista Eletrônica de Musicologia, 2006, v. 10. ISSN 1415-952X

GONÇALVES, L.A.O. **Reflexão sobre a particularidade cultural na educação das crianças negras. Cadernos de pesquisa.** Fundação Carlos Chagas, N. 63, p. 27- 29, novembro, 1987. IBGE. Conceitos.

LIMA, Mônica. **Como os tantãs na floresta: Reflexões sobre o ensino de História da África e dos africanos no Brasil.** IN: Brandão, (Org.). **SABERES E FAZERES, v.1: Modos de ver**, Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

LODY, Raul. Beleza e identidade. Sobre os patrimônios afrodescendentes. IN: Brandão, (Org.). **SABERES E FAZERES, v.1: Modos de ver**, Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

LOPES, V.N. **Racismo, preconceito e discriminação.** In: Munanga, K. (org.). Superando o racismo na escola. Brasília: Ministério da Educação Continuada, alfabetização e diversidade, 2005. p. 185-200.

MELO, Emerson. Memória e resistência na formação dos Terreiros de Candomblé. In: FELINTO, Renata (Org.). **Culturas Africanas e Afro-brasileiras em sala de aula: saberes**

para os professores e fazeres para os alunos: religiosidade, musicalidade, identidade e artes visuais. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Presença Africana na cultura brasileira**. Diálogo-Revista de Ensino Religioso nº 38- maio 2005.

PISTRAK, M. M. **Fundamentos da escola do trabalho**. São Paulo: Expressão Popular, 2000.

SILVA, Ana Célia da. **Desconstruindo a discriminação do negro no livro didático**. Salvador, EDUFBA, 2001.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. Práticas educativas, culturas e diversidades. In: Práticas educativas culturas e diversidades. (orgs) Brasbosa, Rita Cristina. Dantas, Fábio de Sousa. João Pessoa. 2014.

SOUSA, Lucia Aulete Burigo de. GRAUPE, Mareli Eliane **GÊNERO E EDUCAÇÃO: A IMPLANTAÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS**. X ANPED SUL, Florianópolis, outubro de 2014.

VIEIRA, Rejane. **METODOLOGIAS DE ENSINO UTILIZADAS NAS AULAS DE GEOGRAFIA**. UCH/ UFPeL, 2013.

ANEXOS



Imagem 1- Aula com dança circular



Imagem 2- Transmissão oral de conhecimento



Imagem 3- aula expositiva



Imagem 4- exposição de plantas na sala de aula.



Imagem 5- Aula com participação da benzedeira.



Imagem 6- aula de campo.